Apoio:

Patrocínio:

Realização:

A Farinha Mágica

A Farinha Mágica

Era uma vez um rei que se deixava levar com freqüência pela cólera, mesmo pelos motivos mais insignificantes.
Um dia entrou com ar furioso na cozinha do palácio, gritando :
- Esta é única !
- Que aconteceu? - perguntou-lhe a rainha, voltando-se surpreendida para o marido e parando de brigar com o cozinheiro.
- Que aconteceu? - prosseguiu o rei, com voz tremula de raiva -. Imagine que passei toda a manhã na caça, sem abater sequer um javali. Gastei todas as minhas flechas, bati com a cabeça em uma árvore e voltei ao palácio com um miserável ouriço !
Um sorriso transpareceu no rosto rosado e gentil da rainha.
- Deverias aprender a apurar mais a mira - disse-lhe ela, em tom de doce censura.
Estas palavras fizeram aumentar até o máximo a cólera do rei, que se considerava o melhor caçador de todo o pais, embora talvez não existisse outro mais desajeitado.

Parecia que até os animais sabiam disso, visto que passavam por junto dele sem medo, dançando defronte do seu arco esticado e pouco se importando com as flechas que sibilavam no ar, cravando-se nos troncos das árvores mas nunca na caça.

Mais de uma vez as lebres tinham zombado dele, e os javalis haviam passado bem por perto da sua pessoa, roçando-o até, como para lhe fazer compreender que as suas flechas de prata não lhes podiam fazer nenhum mal.

- Por que não te exercitas no pátio do palácio, com os nossos estúpidos criados? - prosseguiu a rainha que, algumas vezes, se permitia aborrecer o seu augusto esposo.

Em vez de responder, o rei rangiu os dentes e arrancou da cabeça o barrete, jogando-o no chão e pisando-o num ímpeto de raiva concentrada.

Quando se acalmou um pouco, a rainha dirigiu-lhe de novo a palavra, sempre sorrindo:

- Vês que te irritaste inutilmente?

Aquilo era demais para o rei.

Um novo ímpeto de raiva invadiu o soberano; mas, descobrindo nesse momento alguns pastéis enfileirados em cima da mesa, ficou admirado de que os mesmos não lhe tivessem aguçado a gula, aplacando-lhe ao mesmo tempo a fúria.

- Magníficos e apetitosos, estes pastéis!. . .

E depois de engolir um, disse, fazendo estalar a língua de encontro ao céu da boca:

- Estão realmente deliciosos!

Em um abrir e fechar de olhos engoliu o rei mais de dúzia e meia.

- Bons! . . . Excelentes ! . . . Bravo, cozinheiro!... Estes pastéis te honram,
- exclamou, falando ao cozinheiro.
- Majestade! - respondeu o cozinheiro - a farinha com que preparei estes pastéis foi-me dada por uma tia minha, feiticeira, que mora em cima da colina.
- E'? E onde arranja ela esta farinha tão boa?
E sem aguardar resposta, fez desaparecer outros cincos pastéis, devorando-os com avidez.
- Não comas mais - advertiu-o a rainha .- Poderiam fazes-te mal.
Por única resposta, o monarca voltou-se para o cozinheiro, dizendo-lhe em tom ameaçador:
- Escuta, cozinheiro: gostarias que amanhã cedo eu te mandasse cortar a cabeça?
- Por piedade, Sire! Que dizeis? - exclamou o pobre homem, começando a tremer de susto.
Fadas poloneses
- Pois bem; se não queres que eu te mande cortar a cabeça, prepare-me logo mais um cesto destes pastéis, que mandarás servir para meu jantar.
A rainha intrometeu-se de novo.
- Sê razoável, meu marido! Se comeres mais pastéis, vais ficar doente na certa...
Mas o rei glutão não lhe deu ouvidos e, depois de ter lançado um último olhar eloqüente ao cozinheiro, voltou-lhe as costas e foi até ao terraço onde ficava situado o aquário no qual viviam os seus peixinhos de ouro.
Como ainda tinha na mão um dos pastéis, esfarelou um pouco dele na água, e depois entrou nos seus apartamentos.

Sua filha, a princesa Flávia, achava-se em um dos aposentos e, com os cotovelos apoiados no peitoril da janela, escutava um som de mística que subia do parque.
O rei aproximou-se da janela e, olhando para baixo, avistou um estranho tocador de violino, com os cabelos eriçados e revoltos pelo vento do outono. Tocava com entusiasmo e estava cercado por uma dúzia de garotinhos que gritavam e dançavam em volta dele, batendo palmas.
- E' o tocador mágico ! - gritou alegremente a princesa.
E, saindo do aposento, apressou-se a descer ao parque para escutar melhor a deliciosa música do estranho violinista.
O rei contemplou por um instante o tocador, depois se retirou para o interior do aposento, onde o seu olhar caiu sobre um espelho. Se bem que o seu rosto fizesse lembrar a feia cara de uma rã, ele se considerava o soberano mais belo do mundo, e de cada vez que contemplava a própria imagem, procurava ter nos lábios um sorriso gracioso.
Mas nesse dia o sorriso não apareceu. Mal viu o rosto refletido no espelho, o rei deixou escapar um grito de horror. Seu pescoço se alongara improvisamente, e assemelhava-se ao de um cisne. Sua cabeça estava agora distanciada dos ombros pelo menos dois palmos.
- O que foi que me aconteceu? - balbuciou o pobre soberano, empalidecendo -. Que brincadeira é esta? Estarei talvez sonhando?
E acreditando que se tratasse na realidade de um terrível pesadelo, deu forte beliscão na própria coxa

e em seguida dirigiu de novo o olhar para o espelho.
Mas... ai dele! O pescoço crescera ainda mais!
- Que devo fazer?... E’ melhor correr imediatamente ao meu médico !
Dito isto, o rei dirigiu-se correndo para a porta, mas, como não levara em conta o comprimento do pescoço, bateu com a cabeça na bandeira e sentiu uma dor aguda que lhe fez ver estrelas.
No mesmo instante, a rainha saiu ao terraço para dar uma olhadela ao aquário, mas quando se aproximou do tanque dos peixinhos de ouro, teve tamanho espanto que por pouco não caiu na água.
Os dois bichinhos tinham ficado de um tamanho enorme e continuavam a crescer a olhos vistos, até que ficaram tão gran-
des que saltaram para fora do tanque e caíram no chão, abrindo a boca.
Com os olhos arregalados de espanto, a rainha não sabia o que pensar. Mas, lembrando-se de repente de que, sem água, os peixes iriam morrer, agarrou-os pela cauda e foi jogá-los no lago que havia perto do castelo.
- Assim poderão viver - murmurou -. Mas como terá acontecido um fenômeno tão estranho? Sem dúvida deve tratar-se de alguma bruxaria !
Naquele lago viviam os peixes mais estranhos e maravilhosos da terra. Havia, por exemplo, um magnífico esturjão que funcionava como barômetro, indicando as mudanças de tempo com as barbatanas; outro peixe sabia dizer
“bom dia” e “boa noite”; um pequeno salmonete fazia graciosas cabriolas e cantava como um melro.

Eram, em suma, animais raríssimos, e só o peixe-falador custara verdadeira fortuna.
- Esperemos que os outros peixes não façam mal aos dois que joguei agora no lago! - disso consigo a rainha.
Depois, aproximou-se de novo da margem e, olhando para as águas imóveis e transparentes, viu os dois pobres peixes de ouro que estavam a um canto, olhando um para o outro com ar assombrado.
- Que ira dizer o rei? - pensava a rainha, voltando sobre os seus passos .- Quando souber disto, irá certamente ficar furioso!
Mas justamente naquele momento viu surgir diante dos olhos o marido, e um grito agudíssimo escapou-se-lhe da boca.
- Que vejo?... Como foi que o teu pescoço se alongou dessa maneira? . . . Ah! . . . Ai de nos! . . . Também os dois peixes de ouro ficaram compridos como serpentes!
- Que me importam os peixes? - gritou o rei -. O meu pescoço cresceu tanto assim?
- E continua a crescer! - balbuciou a rainha, soluçando.
- Chama depressa o médico da corte ! - bradou o monarca, levantando os bravos para segurar a cabeça e mantê-la firme, porque começara a balouçar de um lado para o outro, como um girassol.
Atraídos por aqueles gritos, não tardaram a acudir todos os cortesãos, os servos e os pajens. Mas quando se acharam na presença do soberano, não puderam conter formidável risada.
Como teriam podido resistir, diante de espetáculo

tão ridículo?
Chegado o médico, examinou atentamente o rei, apalpou-lhe todos os membros, mas não soube diagnosticar.
O caso era realmente extraordinário.
De repente, no meio daquela confusa barafunda, avançou uma velha que brandia uma vassoura na mão direita e tinha um aspecto verdadeiramente assustador, com os cabelos avermelhados e alguns dentes verdes que lhe surgiam para fora dos beiços, como as presas de um hipopótamo.
Todos os olhares se fixaram nela. Calçava uns velhos chinelos e dançava como uma endemoninhada, gritando como uma possessa.
- E' a tia do cozinheiro da corte! . . . E' a feiticeira ! - gritaram alguns
empregados, tomados de pavor.
- Por que veio ao castelo?
- Que quererá?
Finalmente um mordomo aproximou-se dela, com decisão, e perguntou-lhe
- Que queres aqui, velha feiticeira?
A megera parou de dançar e, indicando o rei com o dedo indicador da mão descarnada e adunca, respondeu:
- Cheguei tarde demais!... O rei já comeu a farinha mágica ! . . .
A multidão calou-se de chofre. O soberano aproximou-se da velha e perguntou-lhe, com voz tremula de cólera:
- Que dizes? Explica-te, maldita bruxa!
Ela pousou um olhar zombeteiro no soberano e depois começou a cantar:

“Eu dei ao cozinheiro um saco de farinha,
ele a levou para fazer pastéis.
O presente destinava-se a rainha,
mas o rei quis comer logo os pastéis. . .”
- Continua! . . . Continua! gritaram todos.
“A farinha mágica que eu lhe dei
tem estranhos poderes concentrados.
Olhem só como está ficando o rei
e também olhem para os peixinhos dourados!”
O rei não podia mais, porém soube dominar a sua cólera e disse, voltando-se para a tia do cozinheiro:
- Tudo isso é verdade. Eu comi os pastéis preparados com a tua farinha e atirei algumas migalhas aos meus peixes de ouro, que ficaram compridos como serpentes. Entretanto o meu pescoço continua a crescer. Como se pode remediar tudo isso, velha feiticeira?
A megera estendeu de novo uma das suas mãos aduncas para o soberano e respondeu cantarolando:

“O pescoço crescera, crescera sempre,
até por cima das árvores poderes olhar;
e os dedos das tuas mãos crescerão
até que prazia a Deus faze-los parar;
e os dos pés também aumentarão
até com os braços se poderem comparar.
- Que dizes? - bradou o monarca, horrorizado. Por única resposta a feiticeira indicou ao rei os dedos dos seus pés, que já tinham arrombado os sapatos e cresciam a olhos vistos. Depois
recomeçou a cantar:

“Quem da farinha mágica comer por força terá de se dar mal. . . Homem, criança, mulher ou animal, seus efeitos terá de sofrer!”
Em seguida acenou para o palácio, exclamando:
- O1hem para ali! Todos os olhares se dirigiram para a cozinha real, da qual vinha saindo um estranho escaravelho, cujas pernas eram compridas como as de um cavalo, enquanto o resto do corpo ficara normal.
- Comeu um pouco da farinha mágica - acrescentou a feiticeira, parando de cantar -. Vejam que efeito extraordinário!
Ao verem aquilo, mulheres e crianças começaram a soltar gritos altíssimos, assustando o pobre escaravelho, que procurou esconder-se em um canto.
- Agora vou levar o resto da farinha - prosseguiu a feiticeira, dirigindo-se para a cozinha.
Mas o rei perdeu a paciência e intimou-a com voz terrível:
- Não te movas daí, maldita feiticeira!
Naquele momento a rainha apareceu no pátio, juntamente com a filha e com o violinista mágico.
- Se a tua farinha provocou todos estes males, terás de remediá-los imediatamente, do contrário te mandarei lançar as feras! - acrescentou o rei, fitando a feiticeira do cimo do seu desconforme pescoço.
A velha deu uma gargalhada, pulou de lado, e depois respondeu:
- Eu nada sei... Não posso fazer coisa alguma !
- Como! Quererás recusar-te e remediar o mal que causaste? - bradou o soberano, furibundo.

- Hi! Hi! Hi! - riu-se a feiticeira, recomeçando a dançar -. Eu não posso fazer coisa alguma !
- Afoguem-na no lago! - disse a rainha.
- Vamos queimá-la viva! - sugeriu o médico da corte.
- Que seja enforcada! - berraram os criados.
- Joguemo-la dentro de água fervente! - gritaram os pajens.
- Silêncio! - ordenou o rei, erguendo a voz -. Vão chamar imediatamente o cozinheiro.
Alguém correu a chamar o cozinheiro, pondo-o a par de tudo o que acontecera.
O pobre diabo lançou-se de joelhos diante da feiticeira, exortando-a a socorrer o soberano, mas a velha recuou alguns passos e botou a língua de fora, em sinal de zombaria.
- Meu pai ! Meu pobre pai ! - gritou naquele momento a princesa -. O seu pescoço continua a crescer!
O soberano atingira o paroxismo do desespero, e, chamando alguns guardas que assistiam a cena, ordenou-lhes:
- Agarrem essa velha! - Em seguida, voltou-se para a tia do cozinheiro,
acrescentando:
- Se não me deres imediatamente um remédio, far-te-ei arrastar pelos cabelos ao longo das ruas da cidade e serás açoitada até morreres.
A megera respondeu ainda dessa vez com uma gargalhada rouca e zombeteira.
- Levem-na para a prisão! - ordenou então o desesperado soberano.
Naquele momento, o violinista mágico aproximou-se

do rei e disse-lhe:
- Em vez de a mandardes matar, Majestade, peço-vos que a mandeis entregar a mim.
O rei consentiu. Todos ficaram em silêncio. Os guardas soltaram a feiticeira, que começou a estrilar como uma danada.
- Queres socorrer o nosso soberano? - perguntou-lhe o violinista -. Concedo-te um minuto de tempo para me responderes.
- Respondo-te apenas que o pescoço do rei continuará a crescer ainda ! - urrou a velha, agitando no ar a vassoura.
- Pois bem; então, dança! - exclamou o violinista.
E apoiando o violino ao ombro, começou a tocar.
Desde as primeiras notas, as pernas esqueléticas da megera começaram a agitar-se convulsivamente, iniciando uma dança que, pouco a pouco, se foi tornando vertiginosa.
Ao fim de um quarto de hora, o violinista parou de tocar e a feiticeira deixou-se cair ao chão, extenuada.
- Queres socorrer o rei, maldita feiticeira? - perguntou de novo o tocador.
- Digo-te apenas que o pescoço do rei continuará a crescer! - sibilou a velha, respirando com dificuldade.
Então o violinista recomeçou a tocar, primeiro devagar, depois com maior celeridade, obrigando a feiticeira a dançar com uma fúria, com tal ímpeto que até os sapatos lhe saíram dos pés.
- Dança, dança ! Maldita megera ! . . .
E a velha continuou a rodopiar como uma folha em um remoinho de vento, até que o violinista lhe

concedeu novo momento de trégua.
- Piedade! - gemeu então a feiticeira, deixando-se cair ao chão -. Sinto-me morrer!
- Dize-me de que maneira se pode restituir ao rei o seu aspecto normal! - gritou o jovem, com voz ameaçadora -. Fala depressa, antes que te faça recomeçar a dançar.
Então a megera pôs-se de pé com grande dificuldade e, fitando o rei com os seus olhinhos semelhantes aos de uma víbora, recomeçou a cantilena:

"No vale de Rawa cresce uma flor,
vermelha nas pontas e no centro azul;
ao luar deve ser pulverizada
e comida juntamente com um olho de
urubu!"
0 rei soltou profundo suspiro de alívio.
- Jura-me que esse é o verdadeiro remédio! - disse ele a feiticeira.
- Juro-o.
- Pois bem; ficaria na cadeia até comprovarmos a eficácia do teu remédio.
Os guardas arrastaram a velha para uma cela das prisões reais e um mensageiro foi enviado imediatamente em busca da preciosa flor.
- Terei de esperar pelo menos três dias! - suspirou o soberano -. 0 vale de Rawa fica muito longe, e no entanto meu pescoço continuará a crescer!
De fato, ele não podia mais tocar na cabeça com as mãos e seus dedos cresciam desmesuradamente.
A rainha pensou em oferecer uma xícara de chá ao seu augusto consorte, mas para poder chegar-lha

aos lábios foi obrigada a entrar no palácio e a dar-lha de uma das janelas do primeiro andar.
- Por que não procuras uma maneira de torcer o pescoço? - disse-lhe ela, com voz soluçante -. Tenta torcê-lo um pouco.
O rei hesitou um momento e depois se esforçou tanto que conseguiu enrolar o pescoço, dando-lhe assim o feitio de um saca-rolhas.
- Bravo! - exclamaram os cortesãos.
Daquela maneira ele podia ao menos estender-se na cama e passear pelo palácio sem bater com a cabeça nas bandeiras das portas.
A pouca farinha que restava foi destruída, juntamente com os pastéis que o cozinheiro preparará para o jantar.
No dia seguinte a tarde, o mensageiro estava de volta, trazendo um ramo de flores vermelhas e azuis que colhera no vale de Rawa.
O soberano apressou-se a engolir o pó obtido esfarelando uma daquelas flores ao luar, juntamente com um olho de urubu, em seguida se deitou.
Na manhã seguinte teve o prazer de verificar que o pescoço e os dedos dos pés e das mãos tinham retomado o comprimento natural.
Então ordenou que a feiticeira fosse posta em liberdade. Mas quando a velha soube que toda a sua farinnha fora destruída, desandou berrar com uma fúria, e não se afastou do palácio real senão quando viu aparecer o violinista mágico.
A multidão de cortesãos, de domésticos e de pajens, seguiu-a com o olhar, rindo-se a bandeiras despregadas. Mas de repente, todos emudeceram e

começaram a recuar assustados.
De um canto do pátio surgira o gigantesco escaravelho, cujas pernas tinham crescido de maneira assustadora.
- Chama um soldado e ordena-lhe que mate aquele pobre animal! - exclamou a rainha, voltando-se para um pajem.
Mas, como nenhum soldado ousasse aproximar-se daquele monstro, o violinista começou a tocar uma melodia lânguida e doce que teve o efeito de encantar o escaravelho.
Então os archeiros apontaram os seus arcos, e alguns minutos depois o animal caía ao chão, ferido mortalmente.
Alguns cientistas providenciaram depois para fazê-lo embalsamar e expor no museu da capital, onde ainda é conservado como uma surpreendente raridade.

FIM